

NA CONTRAMÃO DA HISTÓRIA: preconceito e protagonismo, em *Vencidos e degenerados*, de Nascimento Moraes

Lúis Oliveira Freitas*

RESUMO: Objetiva-se com este trabalho uma análise do romance *Vencidos e degenerados*, de Nascimento Moraes, verificando nele as imagens do negro construídas pelo autor na sociedade maranhense da época em que a obra foi escrita. A obra literária em questão tem como espaço a cidade de São Luís do Maranhão nas primeiras décadas do regime republicano brasileiro. Na trama, várias personagens vivem e atuam nesse cenário urbano, entre as quais personagens negras ex-escravas e seus descendentes. É importante observar que, embora as personagens negras sejam apresentadas em condição socioeconômica inferior ao branco, há nelas uma atitude de protagonismo, pois não se deixam ser dominadas pela classe privilegiada, tendo assim amplo desenvolvimento nas ações da narrativa. O referencial teórico que fundamenta essa análise são as ideias de alguns críticos da literatura afro-brasileira, entre os quais se destacam Zilá Bernd, Maria Nazareth Fonseca, Jorge Schwartz, Eduardo Duarte, Conceição Evaristo e Domício Proença Filho.

Palavras-chave: Negro. Literatura afro-brasileira. Protagonismo. Preconceito.

ABSTRACT: This study aims to analyze the novel *Vencidos e Degenerados*, by Nascimento de Moraes, checking the black man images built by the author in Maranhão society in the time in which the work was written. The literary work in question has the city of Sao Luis as the space in the first decades of the Brazilian republican regime. In the plot, several characters live and work in this urban setting, including black former slaves and their descendants as characters. It is important to note that while the black characters are displayed in the lower white socioeconomic status, there is in them a protagonism attitude, because they do not let themselves be dominated by the privileged class, and thus widespread development in the narrative action. The theoretical framework that underlies this analysis are the ideas of some critics of african-Brazilian literature, among which stand out Zillah Bernd, Maria Nazareth Fonseca, Jorge Schwartz, Eduardo Duarte, Conceição Evaristo and Domício Proença Filho.

Keywords: Black man. African-Brazilian literature. Protagonism. Prejudice.

INTRODUÇÃO

A Lei Federal n. 10.639/2003, posteriormente modificada pela Lei n. 11.645/2008, que altera o artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de n. 9.394/96, tornou obrigatório o ensino de história e cultura africanas e afro-brasileira nas escolas de educação básica de todo o território nacional. De acordo com a Lei, no inciso 2, “Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileira serão ministrados em todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras”.

* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Maranhão. Instituição. E-mail: luis-freitas@uol.com.br

Como podemos ver, a Lei apresentada contempla a literatura como um espaço privilegiado para a discussão de questões importantes referentes à cultura afro-brasileira. Isso é possível devido ao fato da literatura, assim como as outras artes, expressarem aquilo que está no mais profundo do ser humano, ou seja, os sentimentos, as dores e sonhos do homem, além de contribuir para a configuração de identidade de um povo. A literatura não se constitui como um saber científico, mas a arte de compor escritos em prosa e verso evidenciando, assim, o aspecto estético da linguagem. No entanto, se lançarmos um olhar para a literatura canônica brasileira, podemos perceber que ela é caracterizada por sua marca branca, eurocêntrica, uma vez que há uma presença significativa tanto de autores como de personagens brancos, sobretudo, nos papéis de protagonistas. E isso não acontece somente na literatura, mas também podemos perceber o mesmo fenômeno em outros segmentos, como por exemplo, nas telenovelas brasileiras, em que as personagens negras ainda são minorias. O negro na literatura oficial de nosso país, além do número reduzido, normalmente aparece nos papéis subalternos ou de vilões e não raras vezes passa quase despercebido na leitura da obra.

Percebemos que em muitas obras, o negro é apresentado como alguém inferior ao branco e muitas vezes é privado até de falar, como acontece com Casimiro Lopes, personagem do romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, que só domina meia linguagem, ou seja, tem apenas o domínio de um vocabulário mesquinho e ainda gagueja ao falar, tornando-se uma sombra de Paulo Honório, protagonista da trama. Isso acaba confirmando e legitimando os vários estereótipos e preconceitos existentes na nossa sociedade em relação ao negro, que o torna inferior ao branco. Este artigo de cunho bibliográfico tem como objetivo analisar a obra romanesca *Vencidos e degenerados*, do maranhense Nascimento Moraes. A pesquisa está voltada, sobretudo, para os aspectos referentes ao protagonismo de algumas personagens negras na sociedade ludovicense no período pós-abolição que corresponde aos primeiros anos da República brasileira. Tais personagens de Nascimento Moraes, embora de condição econômica inferior ao branco, vivendo numa sociedade altamente preconceituosa, não se deixam abater, mas apresentam ações relevantes no desenvolvimento da trama. O aporte teórico em que se fundamenta esse trabalho são as obras de alguns críticos da literatura negra ou afro-brasileira, em que podemos ressaltar Zilá Bernd, Maria Nazareth Fonseca, Jorge Schwartz, Eduardo Duarte, Conceição Evaristo e Domício Proença Filho.

O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

Nas últimas décadas, por influência do movimento negro, intensificou-se um debate em nosso país sobre o negro na literatura brasileira como também sobre a existência de uma literatura negra ou afro-brasileira. Benedita Damasceno (1988) comenta que a obra afro-brasileira é aquela que apresenta o negro na sua escrita, ou seja, sua temática, não importando o pertencimento étnico do autor. Nessa linha, podemos incluir autores como Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Castro Alves e outros. No entanto a própria Benedita reconhece que “há diferenças sensíveis entre a poesia negra escrita por afro-brasileiros e a escrita por brancos” (DAMASCENO, 1988, p. 125).

Zilá Bernd (1988) acentua que na história literária, há autores consagrados e outros esquecidos que não fizeram fortuna crítica. A autora ressalta que é preciso resgatar essa literatura marginalizada, entre as quais se destaca a literatura negra. Quanto à essa literatura negra ou afro-brasileira, Maria Nazareth Fonseca (2006) afirma que, embora tais terminologias sejam utilizadas no meio acadêmico, ainda não respondem satisfatoriamente às questões propostas por pessoas, cujas atividades se relacionam à literatura, à crítica e à educação. Ainda não há um consenso nem entre os críticos literários nem aos próprios autores que se identificam como negros. Bernd (1988, p. 22) assegura que o conceito de literatura negra não deve estar atrelado “à cor da pele do autor, nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um *eu* enunciador que se quer negro” (Grifo do autor). A autora ressalta também que podemos considerar como “literatura negra os textos em que for nítido um certo modo negro de ver o mundo, ou melhor, nos quais os escritores, partilhando uma determinada situação histórica, situação de ex-escravos, dela tomarem consciência” (BERND, 1987, p. 16).

Ao discutir as expressões “literatura negra” e “literatura afro-brasileira”, Fonseca (2006) afirma que a primeira surgiu, sobretudo, por influência dos movimentos negros dos Estados Unidos e do Caribe, cujo objetivo fundamental consiste em integrar às lutas pela conscientização do povo negro em busca de sua identidade enquanto etnia. Já a segunda expressão remete para a ligação entre o ato criativo da literatura com a África que deixou um significativo legado nas tradições culturais disseminadas em nosso país.

Enquanto a expressão “literatura negra” sugere o acento para o aspecto político e étnico-racial, o termo “literatura afro-brasileira” parece ter uma abrangência maior, pois reconstitui, no âmbito da literatura, as tradições herdadas do povo africano e ainda cultivadas na sociedade atual. Eduardo de Assis Duarte (2011) comenta que o conceito de literatura afro-brasileira não é tão novo assim, pois está presente nos nossos estudos literários desde o livro pioneiro intitulado *A poesia afro-brasileira*, de Roger Bastide, publicado em 1943. Hoje o termo é reafirmado até mesmo na coletânea *Cadernos Negros*, existente desde 1978, que, embora defenda o uso da expressão “literatura negra”, a partir do n. 18, passou a utilizar os subtítulos: poemas afro-brasileiros e contos afro-brasileiros.

No que diz respeito à trajetória do negro na literatura brasileira, Domício Proença Filho (2004) ressalta que há dois posicionamentos que podemos evidenciar no discurso literário. O primeiro diz respeito ao fato de apresentar o negro numa visão distanciada, como objeto, de forma estereotipada e depreciativa a partir da ideologia branca dominante, ou seja, de quem está fora do universo afrodescendente. É o que chamamos de literatura sobre o negro, que tem seu início no século XVII, nos poemas satíricos de Gregório de Matos, é acentuada no século XIX e ainda aparece na literatura contemporânea. Sob tal visão, observamos que o negro aparece na literatura sempre numa posição inferior ao branco, como por exemplo, a personagem tia Anastácia, de Monteiro Lobato, que é construída como negra de alma branca, serviçal, ignorante, uma sombra de Dona Benta, senhora branca e sábia.

Jorge Schwartz (2008) denomina essa concepção de negrismo, termo que engloba os movimentos que surgiram a partir dos anos 1930. Embora o negrismo se proponha à reivindicação dos direitos dos negros, acaba se constituindo num repertório importado, produzido por uma elite branca e europeia, desvinculado da realidade vivenciada pelo povo negro. Tal posicionamento acentua aspectos do âmbito do exótico ou primitivo e se firma em pressupostos do pensamento eurocêntrico, criando, assim, uma ideia artificial de valorização étnica. Já o segundo posicionamento consiste em apresentar uma imagem do negro como sujeito numa atitude mais compromissada. É a chamada literatura negra ou afro-brasileira cujos precursores estão no século XIX, mas é acentuada no século XX. De acordo com Schwartz (2008), essa concepção se relaciona ao conceito de negritude, que surge em oposição ao negrismo e consiste na tomada de consciência do ser negro e na busca da formação de uma identidade racial numa sociedade cheia de

preconceitos e discriminação. A literatura afro-brasileira, além de se tornar uma arma contra o preconceito e a desigualdade social, é, sobretudo, arte e, portanto, deve ser vista e respeitada enquanto criação estética.

Um outro dado importante na trajetória do negro na literatura que também podemos perceber é o que Conceição Evaristo (2009) chama de discurso eugênico em obras consagradas de nossa literatura. A autora exemplifica tal sonho de embranquecimento da sociedade brasileira com duas obras: *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, publicada em 1875, e *Os tambores de São Luís*, de Josué Montello, de 1981. No primeiro romance, Isaura, protagonista da obra, é apresentada como alguém de fina educação europeia, de cor linda, quase branca, que nem parece descendente de africano.

Não gosto que a cantes, não, Isaura. Hão de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto passas aqui uma vida, que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-te uma educação, como não tiveram muitas ricas e ilustres damas, que eu conheço. És formosa e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano (GUIMARÃES, [s.d.], p. 25).

No romance *Os Tambores de São Luís*, de Josué Montello, no seu último capítulo, o narrador aponta Damião, protagonista da trama, contemplando seu trineto que acabara de nascer, moreninho claro, e conclui que o conflito entre brancos e negros acabaria com a miscigenação das raças, com o rolar do tempo e, com a diluição da cor negra, três séculos de escravidão e o ressentimento do cativo ficariam esquecidos da nação brasileira.

Damiao olhava embevecido aquela pequena massa humana, ainda mole, com uns fios de cabelos úmidos, os olhinhos cerrados, os bracinhos encolhidos na camisinha de linho, e não podia deixar de lembrar-se do barão, com a sua formosa teoria de que só na cama, com o rolar do tempo, se resolveria o conflito natural de brancos e negros no Brasil. [...] Daí a mais algum tempo, ninguém lembraria, com um travo de rancor, que, em sua pátria, durante três séculos, tinham existido senhores e escravos, brancos e pretos (MONTELLO, 2005, p. 654).

Ao observar atentamente a nossa produção literária, constatamos que existe uma literatura negra ou afro-brasileira em nosso país, no entanto ela não apresenta a

mesma visibilidade da literatura canônica, causando ainda uma certa resistência de muitos críticos literários. Duarte (2011, p. 375) afirma que essa literatura tanto é contemporânea como se estende a Domingos Caldas Barbosa, poeta e músico do Brasil colônia, no século XVIII. E acrescenta comentando que é uma literatura produzida tanto nos grandes centros como também se espraia pelas literaturas regionais. Para o teórico “essa literatura não só existe, como se faz presente nos tempos e espaços históricos e nossa constituição enquanto povo; não só existe, como é múltipla e inversa” (DUARTE, 2011, p. 375).

A partir do século XIX, surgem vários autores negros e mestiços entre os quais destacamos Luiz Gama, Machado de Assis, Cruz e Sousa e a primeira romancista da literatura brasileira, Maria Firmina dos Reis, professora maranhense abolicionista. Na prosa de ficção do início do século XX, podemos destacar o romancista Lima Barreto, cuja escrita tinha o objetivo de apresentar a voz negra questionando a sociedade racista da época. Nas suas obras *Recordações de Isaías Caminha*, com primeira edição em 1909, e *Clara dos Anjos*, concluído em 1922, mas publicado somente em 1948, o autor por meio de suas personagens, discute o problema das relações raciais na sociedade brasileira. Tais autores são hoje considerados pela crítica como precursores da literatura afro-brasileira.

Quanto ao Maranhão, não podemos esquecer, que já no século XIX, são escritas obras com a temática do negro, tanto na poesia como na prosa. Na poesia, destacamos Trajano Galvão que se voltou para o tema do negro escravizado, escrevendo, por exemplo, os poemas *O calhambola* e *A crioula*. Já na narrativa de ficção, temos o romance *Úrsula*, da supracitada Maria Firmina dos Reis, publicado pela primeira vez em 1859, que embora não apresente o negro como protagonista, há um destaque das personagens negras Túlio e Suzana. Segundo Duarte (2014, p. 56-57), no enredo dessa obra o senhor de escravos, o comendador Fernando P... não é o protagonista da trama, mas o vilão. Já o escravo Túlio, ainda que apresente poucas ações na narrativa, é colocado em pé de igualdade com o herói e rico cavaleiro branco, Tancredo. Suzana, por sua vez, ao contar sua história para Túlio, se refere aos seus capturadores na África como os “bárbaros brancos”. Duarte também ressalta que no relato em que Suzana conta sua vinda ao Brasil, aparece pela primeira vez na narrativa de ficção brasileira a descrição do porão de um navio negreiro.

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida

passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davamos água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos (REIS, 2004, p. 117).

No início do século XX, período da Primeira República, é publicado, no Maranhão, o romance *Vencidos e degenerados*: crônica maranhense, de Nascimento Moraes. A publicação dessa obra de ficção foi em 1915, mas sua trama narrativa inicia-se “em 13 de maio de 1888 e se estende pelas décadas seguintes a fim de narrar a permanência da mentalidade derivada da escravidão” (DUARTE, 2014, p. 19). A narrativa apresenta o cotidiano das personagens marcado pelo esvaecer da esperança, resignação, disputas e preconceitos raciais e sociais. O escritor José do Nascimento Moraes nasceu em São Luis, no dia 19 de março de 1882, e faleceu na mesma cidade, em 21 de fevereiro de 1958. Era filho de Manoel do Nascimento Moraes (herói da Guerra do Paraguai, mas não condecorado por ser analfabeto) e de Maria Catarina Vitória, ambos afro-brasileiros. Teve intensa atuação na vida cultural de São Luis, como professor, jornalista, romancista, contista e membro da Academia Maranhense de Letras, chegando a assumir os cargos de Secretário e Presidente. Santos (2011, p. 311) afirma que foi “o afrodescendente mais lutador, independente, brioso e preparado que o Maranhão já conheceu até hoje”. Tanto na obra *Vencidos e degenerados*, como nas suas crônicas e contos, Nascimento Moraes assume uma postura de observador atento dos problemas sociais do povo maranhense, tornando-se um defensor dos injustiçados em qualquer nível. Ao falar do romancista, Jomar Moraes afirma que:

Vencendo as naturais restrições de um meio acanhado pelas discriminações de origem familiar e preconceitos diversos, teve o cronista de costumes que muito bem saberia sê-lo em *Vencidos e degenerados*, que retemperar forças e concentrar as energias todas de sua vigorosa personalidade para impor-se e vencer” (MORAES, 1976, p. 183).

De acordo com Duarte (2011, p. 385), uma obra literária afro-brasileira, normalmente apresenta as seguintes características: tema afro-brasileiro, voz autoral afrodescendente, linguagem marcada pela afro-brasilidade, ponto de vista político e

cultural identificado à afrodescendência e um público-leitor. Nesse sentido, é possível afirmar que *Vencidos e degenerados* é uma narrativa de ficção parte integrante da literatura afro-brasileira. A obra possui temática negra, pois trata da realidade do negro no Maranhão, pós 13 de maio de 1888; é de autoria de um afro-brasileiro, apresentando assim o ponto de vista de alguém que constrói o negro em situação de protagonismo; a linguagem tem o objetivo de fazer o resgate da história do negro e sua realidade além de ter um público-leitor interessado em conhecer melhor essa história.

PRECONCEITO E PROTAGONISMO NA AÇÃO ROMANESCA

Vencidos e degenerados é um romance que trata da saga do negro maranhense no período pós-abolição, ou seja, nos primeiros anos da República em nosso país. O principal objetivo da obra consiste em construir o retrato da sociedade maranhense abordando as questões sociais existentes nela, como o preconceito e a pobreza extrema da maioria da população. A trama tem início no dia 13 de maio de 1888, quando os abolicionistas e pessoas de diversas classes sociais estão reunidos na casa de José Maria Maranhense, na rua de São Pantaleão, desde a noite de 12 de maio de 1888, à espera do telegrama que confirmaria a abolição da escravatura em todo território nacional. Em Moraes (2000, p. 27), vemos o seguinte:

Os que lá se achavam naquela gloriosa manhã eram pessoas de diversas classes sociais, desde o funcionário público e o homem de letras até artistas, operários livres, não faltando vagabundos e desclassificados. Principiara o rebuliço na noite passada, durante a qual ansiosamente esperavam que chegasse o telegrama transmissor da grande e luminosa notícia da redenção dos cativos, de que, há muitos dias, já se vinha falando animados todos por vigorosas esperanças.

Duarte (2014, p. 76) afirma que o romance de Nascimento Moraes é uma das raras obras da literatura brasileira que aborda a temática da abolição e suas consequências. Ao longo da trama, podemos perceber que a narrativa é um retrato cru e realista da sociedade, pois além de mostrar a realidade do negro maranhense pós-abolição, o romance também faz memória aos fatos do período da escravidão antes da Lei Áurea. Observamos na narrativa características naturalistas, pois o autor apresenta de modo cru a violência que marcava as relações entre senhores e escravos, a ponto de ter até cenas de tortura e

assassinatos. Um outro dado importante no romance diz respeito ao uso que o autor faz do registro jornalístico para pintar um retrato sociológico da sociedade maranhense do fim do século XIX e início do século XX. É uma obra que denuncia o preconceito sócio-racial da sociedade maranhense à semelhança do romance *O mulato*, de Aluísio Azevedo.

Como o romance retrata aspectos sociais do fim do século XIX e primeiras décadas do século XX, é importante observar que o contexto político e social desse período é marcado por desejos de mudanças, pois o Brasil tentava se afirmar no cenário mundial como uma República que buscava a modernidade. Os intelectuais da época refletiam esses anseios de mudanças e registravam nos seus textos, também na literatura, com o objetivo de colaborar na resolução dos problemas existentes. No entanto, há um dado importante, na maioria das vezes esse intelectual era filho de ricos fazendeiros ou comerciantes, portanto, os futuros senhores, e isso impedia uma verdadeira mudança social e política.

Com Nascimento Moraes, a situação parece ser diferente, pois o escritor é intelectual, mas não descende de famílias aristocráticas. É de ascendência africana e veio de classe humilde, pobre e abandonada, a ponto de até se tornar um intruso no quadro da sociedade elitizada da época. Em *Vencidos e degenerados*, o escritor sintetiza seu pensamento político e social, apresentando as mazelas de São Luís, principalmente a existência do preconceito racial, conforme podemos ver no trecho a seguir: “Esta fidalguia barata virá caindo aos poucos e o princípio de confraternidade virá acabar com estas supostas e falsas superioridades do ser, que tem sido um dos mais vis preconceitos da nossa existência política” (MORAES, 2000, p. 67).

Como já foi apresentado, Nascimento Moraes, em *Vencidos e degenerados*, tem como preocupação principal apresentar a saga do negro maranhense no período pós-abolição. Para isso ele, ao mesmo tempo que fala das dificuldades sociais e econômicas pelas quais os afro-maranhenses da época passaram, também apresenta uma imagem positiva do negro no Maranhão. Podemos dizer que a obra apresenta o negro em uma atuação de protagonismo, ou seja, as personagens negras têm amplo desenvolvimento nas ações do romance. O romancista constrói as personagens da trama no contexto da cidade de São Luís. Segundo Araújo (2011, p. 83), esta cidade dos vencidos apresenta-se como um espaço de orgulho, por conta de sua tradição literária, espaço de vergonha, devido aos preconceitos raciais e sociais, mas também espaço de resistência diante da exclusão existente na época. No ponto de vista do romancista, São Luís é uma cidade marcada pelo

preconceito racial, mas é explicitamente negra, sendo que a discriminação se tornou um obstáculo para o desenvolvimento da capital maranhense.

É importante que vejamos a forma como o autor molda suas personagens, para que haja um efeito de imagem positiva do negro do Maranhão mesmo diante da situação discriminadora em que se encontra. Dalcastagné (2011), ressalta que dar concretude a uma personagem negra não consiste numa tarefa fácil, visto que não há na nossa literatura modelos suficientes que nos sirvam de inspiração. Mesmo diante dessa dificuldade, podemos afirmar que o escritor Nascimento Moraes tem a preocupação de apresentar as personagens de *Vencidos e degenerados*, não como vítimas, selvagens, inferiores ou até bestializados, mas como pessoas honestas que vivem do seu trabalho e têm consciência de sua situação no meio social. Há várias personagens negras e mestiças na obra, como Domingos Aranha, Olímpio, Zé Catraia, João da Moda, José Maria Maranhense e nhá Andreza e outros. Aqui neste trabalho, analisaremos quatro personagens do romance: João Olivier e Cláudio Olivier, que são as que têm mais ações ao longo da narrativa; e Andreza Vital e Domingos Aranha, que, embora sejam personagens secundárias, são de extrema importância para a nossa análise.

João Olivier é mestiço, filho de Francisco Jorge Olivier, mulato de Alcântara, e de Dona Rita, descendente de uma orgulhosa e rica família de Alcântara. O narrador descreve Olivier como “um rapaz alto, magro, moreno, rosto largo, olhos negros e vivos, faiscando através das lentes do pince-nez. Envergava um fato azul claro; trazia um colarinho alto, gravata parda a borboletar” (MORAES, 2000, p. 28). João Olivier é guarda-livros, pai adotivo de Cláudio, jornalista vibrante, orador fluente, com enorme atuação na imprensa, mas perseguido por causa de ideias opostas aos governantes da época.

O jornalista da narrativa é um porta-voz das denúncias sobre as condições sociais, políticas e econômicas da cidade de São Luis. É possível destacar algumas denúncias feitas por ele. Uma delas diz respeito ao regime monárquico, cujos ranços a sociedade da época ainda carregava, conforme o trecho “Este regime monárquico – diz ele em voz baixa, grave – se tem suas vantagens, têm também seus prejuízos e temo muito que estes sejam em maior número que aqueles” (MORAES, 2000, p. 64). Um outro problema apontado por Olivier é ver como prejuízo o fato não só do Maranhão ter sido colonizado por portugueses, mas a permanência destes na cidade até o momento presente. Aqui ele diz “[...] um dos seus irremediáveis prejuízos é a colônia portuguesa para nós maranhenses [...]” e ainda

“[...] o português sustenta com a sua bolsa muito desaforo que nesta terra se pratica e humildemente se presta a todos os seus caprichos” (MORAES, 2000, p. 64-65).

O narrador mostra que as alegrias e as esperanças da abolição da escravatura só foram mesmo no dia 13 de maio. Pois, como sabemos, a Abolição e a República não promoveram mudanças significativas na estrutura social brasileira muito menos na maranhense. Nesse sentido Volney Berkenbrock (1999, p. 95) afirma que, embora a Abolição tenha sido um fato positivo, “não significou diretamente nenhuma melhora imediata na vida dos então ex-escravos”. Os que eram escravizados ficaram livres, mas não foi criada uma política de inclusão para os negros recém-libertos por parte do governo muito menos uma profissionalização, portanto ficaram à margem da produção e da sociedade. A Abolição da escravatura e a Proclamação da República constituíam motivos de forte renovação social para João Olivier. No entanto, poucos anos após esses acontecimentos, o jornalista se mostra frustrado.

Quando se proclamou a liberdade dos escravos eu tinha a alma cheia de esperanças. Estava até certo ponto convencido de que nos bastaria dar um passo para atingirmos certo grau de prosperidade e começarmos a ser felizes. A Proclamação da República ainda mais esperanças me trouxe. Avigoraram-se-me as crenças e cheguei a sonhar com um Maranhão intelectualmente e moralmente livre, a ascender como um deus! Pois com tristeza lhe digo, bastou que transcorressem dois anos de vida republicana! Logo me persuadi de meu erro [...](MORAES, 2000, p. 76).

João Olivier mostra-se como alguém preocupado com a transformação social do Maranhão, mas para isso acontecer deveria haver uma certa intelectualidade do povo maranhense. Aqui, segundo o jornalista, seria preciso uma política educacional do poder público para alfabetizar principalmente os mais pobres, ou seja, os filhos dos ex-escravos.

Só se poderia dar semelhante transformação se os ex-escravos e seus filhos depressa aprendessem a ler e a escrever e muito cedo percebessem que coisa é essa que se chama direito político. Mas é que não abriram escolas ao povo, não procuraram matar o analfabetismo, não foram verdadeiros republicanos os que se apossaram do poder... (MORAES, 2000, p. 77).

Já quanto a Cláudio Olivier, podemos afirmar que é a outra personagem de muitas ações no romance de Nascimento Moraes, inclusive é quem mais aparece ao longo da narrativa. Cláudio é mulato, filho de Domingos Aranha e Andreza Vital, mas é adotado por João Olivier, sendo, portanto, criado e educado pela progenitora de João, Dona Rita. O

narrador afirma que Cláudio “era o mimo da família de Olivier e este se esmerava como pai na sua educação” (MORAES, 2000, p. 48). Como a família de João não tinha muitas posses, Andreza dava sua ajuda dividindo com eles o que ganhava com seu trabalho. O narrador descreve Cláudio como “moreno cor de jambo, com seus olhos grandes e claros, fisionomia inteligente e audaz” (MORAES, 2000, p. 68). Cláudio foi educado por João Olivier “para trabalhar com vigor em benefício de sua raça” (MORAES, 2000, p. 91). Em relação à missão de Cláudio, assim João Olivier se expressa:

Quero o Cláudio um homem destemido, e não um bacharel qualquer, forrado para resistir a insultos, pulso rigoroso para esmagar preconceitos; um polemista terrível que faça uma época e traga com a lâmina cortante de sua prosa, que há de ser castiça e fulgurante, o pelo desses animais que nos maltratam. (MORAES, 2000, p. 92).

Após a morte de João Olivier, Cláudio toma para si a missão que lhe fora destinada. Por essa época, já havia terminado seus estudos no Liceu e para poder subsistir abriu um curso secundário particular. No entanto, esse ofício pouco rendia e não dava para o sustento da casa, pois o salário de professor era baixo. Para poder suprir todas as suas despesas, contava com a ajuda de Andreza e de Machado, que tinha sido amigo de João Olivier. Cláudio de posse do conhecimento erudito, segue as pegadas do seu pai adotivo. Nesse sentido, Nascimento Moraes constrói uma personagem negra diferente para o contexto da época, pois, segundo Ione Jovino, (2006), as personagens negras das obras do fim do século XIX e início do XX, em geral, não sabiam ler nem escrever. Já na obra maranhense, Cláudio não é analfabeto e se destaca no mundo das letras tendo imenso gosto por elas, mas também colhe seus amargos frutos. Junto com alguns moços, funda o Grêmio Gonçalves Dias e também um pequeno periódico, *O Campeão*, cujo primeiro número contou com quatro páginas, onde havia contos, sonetos, quadras, pensamentos, charadas e um artigo de fundo, de autoria do próprio Cláudio Olivier.

Com a fundação do periódico, Cláudio é convidado para revisor e noticiário do *Jornal da Tarde*, serviço remunerado. Mas também é a partir desse momento que se inicia a perseguição ao seu movimento, a ponto do desembargador Tomás Brito assim se pronunciar: “Vejam o futuro que há de vir por aí! Amanhã os filhos do desembargador Brito serão criados de um Cláudio Olivier, de um Plácido Monteiro, que naturalmente virão ocupar nesta sociedade as mais elevadas e honrosas posições” (MORAES, 2000, p.

108). Ao frequentar a casa de João da Moda, local de encontro dos poetas não reconhecidos, Cláudio conhece Armênia Magalhães, descendente de uma rica família arruinada economicamente, e se envolve afetivamente com ela. Neste sentido, Dalcastagné (2011, p. 323) ressalta que, na literatura, quando um negro namora uma branca, “não será negro se não receber ao menos um olhar atravessado ao longo do seu caminho, e se não sentir de algum modo em sua carne esse olhar”. É justamente isso que ocorre quando a sociedade branca de São Luís toma conhecimento de que Cláudio estava envolvido com Armênia. Além disso, esse fato acentua ainda mais a intriga que havia em relação a ele, pois a moça era uma mulher cobiçada por todos. Mas vale observar também que Armênia se envolve com Cláudio não porque o amava, mas porque queria se vingar da sociedade ludovicense que a desprezou devido à sua situação econômica e comportamental. Por causa desse envolvimento afetivo, Cláudio perde seu emprego, a ajuda mensal de Machado, além de ser atacado de madrugada quando saía da casa da moça, sendo salvo por Aranha, seu pai biológico.

O narrador nos mostra que Cláudio é discriminado pela sociedade ludovicense não somente por ser pobre, mas, sobretudo, pelo fato de ser negro. Podemos observar isto em alguns momentos da obra, como, por exemplo, quando participa da festa de aniversário da filha de Machado. Cláudio foi convidado pelo dono da festa para declamar alguns versos e ao terminar, uma senhora diz: “É um rapaz bonito. Se fosse mais clarinho, um pouquinho mais aberto na cor...” (MORAES, 2000, p. 170). Ao longo da trama, observamos que Cláudio Olivier, embora tivesse tido uma educação formal, o que não era tão comum aos afrodescendentes da época, e que poderia dar-lhe certo empoderamento em relação aos outros, não esquece sua origem negra. Defende sua mãe Andreza quando esta, meio embriagada, se envolve numa pequena confusão por ocasião da festa de Santa Severa, no adro de São Pantaleão, conforme o trecho a seguir: “O policial, que se levantara atônito, magoado, sentindo a impressão da mão-de-ferro que o sacudira olhava de longe aquele rapaz simpático, de fisionomia severa e olhar irado, que defendia a mãe com tanta energia” (MORAES, 2000, p. 97). Como Andreza de vez em quando costumava se embriagar e ficar alterada, muitos aconselhavam Cláudio a negá-la, mas este lhes dava a seguinte resposta: “– Negar minha mãe! Deus me livre! Eu nada seria sem ela e no dia em que a negar, nada, nada mais serei” (MORAES, 2000, p. 103). Embora seja visto por muitos como filho de João Olivier, Cláudio não esconde de ninguém seu verdadeiro pai, Domingos Aranha: “–

João Olivier criou-me, educou-me e me deu o nome que uso; mas o meu verdadeiro pai, Armênia, é Domingos Aranha” (MORAES, 2000, p. 260).

A criação do Grêmio, a publicação do periódico, a crônica que publicava diariamente e o envolvimento com Armênia foram os principais motivos que levaram ao crescimento das inimizades a Cláudio Olivier. Diante disso, a única saída que lhe restava seria deixar o Maranhão e tentar a vida em outro lugar. O conselho de seu pai Domingos Aranha foi fundamental nessa decisão: “[...] Tenho cá uma coisa que me diz que tu deves sair daqui [...]” (MORAES, 2000, p. 277). Alguns anos depois, Cláudio, já rico, retorna a São Luis, vindo do Amazonas, com destino ao sul. Santos (2011) aponta que Nascimento Moraes se posicionava de modo veemente diante da questão da discriminação pelo preconceito de cor ou atitudes similares. Por meio de suas personagens, ele repreendeu com seriedade as profundas injustiças que existiam na sociedade da época. E, nesse sentido, não podemos também esquecer que, além de João e Cláudio, há outras personagens cujas ações são bastante significativas na obra. Embora elas sejam secundárias na trama romanesca, apresentam certo protagonismo principalmente no que se refere a ter voz na narrativa. Dentre essas personagens secundárias, selecionamos o casal Andreza e Aranha, pais biológicos de Cláudio Olivier.

Quanto à Andreza Vital, caracteriza-se como a principal personagem feminina negra do romance do autor maranhense. Antes de comentar sobre essa personagem, ressaltamos que na literatura brasileira normalmente a mulher negra tem sido representada a partir de discursos negativos construídos por escritores brancos (CAMPOS, 2008). Em geral, as mulheres negras são figurativizadas para explorar temas da sedução, beleza, resistência física ao trabalho e para suas habilidades culinárias. Com Andreza, descrita como “uma mulata alta, magra, simpática de trinta e cinco a quarenta anos aproximadamente” (MORAES, 2000, p. 47), não é bem isso que ocorre, pois ela, na trama, representa a imagem da mulher negra pobre que luta pela própria sobrevivência não somente da sociedade ludovicense, mas de toda a nação brasileira (BRAS, 2014). Mesmo que seja retratada sob os atributos de ex-escrava, pobre, moradora de um cortiço, viciada em bebidas alcoólicas, vivendo do aluguel dos seus serviços domésticos, possui uma personalidade forte, pois era de atos comedidos, que marca sua identidade e a torna diferente de outras personagens femininas negras de obras de nossa literatura cuja temática é a escravidão. É uma mulher vaidosa que, mesmo diante das dificuldades

financeiras, não perde sua feminilidade, enfeita-se com colares e brincos e traja vestidos de chita.

Andreza trajava um vestido inteiro de chita ramalhuda, que ela enrolava como toga, em volta do corpo, prendendo a ponta debaixo do braço. Desconcertara-se-lhe o penteado na cabeça; corria-lhe o suor pela fronte brônzea e pelo pescoço quase nu.

Brilhava-lhe no colo um esplêndido cordão de ouro que ela angariara outrora e, nas orelhas, grandes rosetas de diamantes, de antigo gosto (MORAES, 2000, p. 96).

Quando jovem, Andreza se envolveu afetivamente com Domingos Aranha, também escravo na época, e ficou grávida de Cláudio Olivier, logo adotado e educado por João Olivier, por quem ela tinha enorme apreço. Apesar do filho não morar com ela, mostra-se uma mãe dedicada a ele e nunca o abandonou, já que ajudava no sustento da casa da família de João com o dinheiro que ganhava nos serviços domésticos, até mesmo quando Cláudio já se tornara homem feito.

É amásia de Aranha, mas separou-se dele por um período de dois anos, por uma lamentável traição por parte dela com o rico comendador Magalhães, com quem teve outro filho, João da Moda, mas nunca soube dessa criança, acreditando que morrera ao nascer, quando na verdade o próprio comendador havia mandado algumas escravas desaparecerem com o menino. Quando adulto, João da Moda acaba descobrindo que Andreza é sua mãe e, embora faça algumas tentativas de aproximação, não consegue lhe revelar tal descoberta.

E o João ficou com outro problema a resolver... Não teria aquela mulher nenhum pressentimento de que era seu filho? Não lhe diria a alma que entre si e ele havia um elo muito forte? Nunca pensaria nesse filho que perdeu sem conhecer? Não teria saudades dessa criança que lhe fora arrancada dos braços, sem que ela o visse? Que impressão teria ao despertar da vertigem que a prostrou, quando ao relancear o olhar não encontrou mais o filho? Como receberia ela a notícia, a horrorosa notícia de que o filho morrera ao nascer? (MORAES, 2000, p. 232).

Andreza representa a força da mulher negra na obra de Nascimento Moraes, pois apesar da vida dura que leva e dos preconceitos pelos quais ela passa, mostra-se forte e competente naquilo que sabe fazer, não se acomoda nas situações difíceis, ou seja, não é tratada como uma coitadinha. É o tipo de mulher lutadora e independente que, para se

sustentar, não sente necessidade de um casamento e nem fica presa a um homem em virtude do sustento de seu filho, mantendo, desse modo, sua liberdade de ir e vir. Quanto a Domingos Daniel Aranha, observamos que é apresentado como um ex-escravo do comendador Magalhães, de quem havia sido o melhor capanga. O narrador descreve-o como “um mulato alto de meia-idade, mais magro que gordo, pouca barba, bigode ralo, cabelos crespos” (MORAES, 2000, p. 40). Tem fama de arruaceiro e valente e, enquanto era escravo, livrou seu senhor de muitas ciladas devido às aventuras amorosas em que o comendador se envolvia.

[...] Aranha fora capanga de seu senhor. Andava com ele em frequentes excursões pelo interior da província e, como o senhor se entregasse a conquistas amorosas, arriscadas e difíceis, ele tivera ocasião de muitas vezes salvar-lhe a vida poupando-a às investidas da vingança cruenta que não esmorece, nem mede perigos. (MORAES, 2000, p. 41).

Aranha foi liberto da situação de escravidão antes da abolição, por vontade de seu senhor. Logo que ganhou a liberdade, passou a morar com seu amigo Olímpio Santos, trabalhando com ele no ofício de sapateiro, que há muito aprendera. Embora os dois amigos apresentassem gênios opostos e índoles diversas, se entendiam muito bem. “Uma ponte poderosamente os ligava – aquela cana-capim especial que lhes fazia a delícia na bodega do Beco do Precipício” (MORAES, 2000, p. 42). Eles não participam da festa e da passeata em comemoração à Lei Áurea na casa de José Maria Maranhense, pois enquanto ela ocorria, aproveitaram para tomar sua deliciosa cachaça, já que a apreciavam bastante.

Além de Olímpio, Aranha tem vários outros amigos, e da mesma forma que Andreza, tem muita consideração por João Olivier e sua família, por ter educado seu filho Cláudio. “[...] Aranha e Andreza tinham pela família do moço jornalista toda consideração e respeito que suas almas incultas lhe podiam dispensar” (MORAES, 2000, p. 48). Se Andreza não o tivesse traído, fato que lhe causa bastante desgosto, ele certamente teria se casado com ela. Aranha desempenha um papel muito importante na obra, pois é ele quem salva a vida do filho em uma emboscada numa noite escura, em virtude do envolvimento amoroso de Cláudio com Armênia. Após esse fato, Aranha aconselha o filho não somente a deixar Armênia, como também sair do Maranhão e procurar serviço em outro lugar, da mesma forma João Olivier havia feito, embora sem muito sucesso. Aranha se dispõe a sustentar a família de Olivier enquanto o filho estiver fora e assim fica decidido que

Cláudio tentará a vida em outro lugar, como de fato acontece. Dessa forma, Domingos Aranha se revela como alguém que, apesar de não ter a cultura letrada, sabe fazer uma boa reflexão dos fatos e toma uma posição bastante sábia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Navas-Toríbio (1990), a obra *Vencidos e degenerados*, apresenta a visão do preconceito, já mostrada por Aluísio Azevedo, sobretudo, no que se refere ao aspecto fenotípico, existente na sociedade maranhense, desde o século XIX. Na verdade, o romance de Nascimento Moraes, por ser posterior à ação de *O mulato*, representa uma continuidade da temática da denúncia da discriminação já abordada por Aluísio Azevedo. No entanto, Nascimento Moraes, por ser afrodescendente, tem a preocupação de construir personagens negras, cujas ações são mais positivas do que em Aluísio Azevedo. Nesse aspecto, tais personagens se diferem das imagens recorrentes em muitas obras de nossa literatura, como um negro servil, melancólico e saudosos de sua pátria, vítima, digno de pena e que não sabe se expressar, necessitando assim de alguém que fale por ele. Em *Vencidos e degenerados*, há uma boa visibilidade do negro no decorrer de toda a trama, além disso, as personagens protagonistas não escondem sua identidade negra e têm sua própria voz de denúncia contra o desrespeito aos direitos sociais de seu povo. É uma obra que, por não estar no cânon literário oficial, é pouco conhecida, até mesmo entre os professores de literatura da educação básica no Maranhão. No entanto, acreditamos que, com a implementação da Lei 10.639/2003, a literatura não canônica, principalmente aquela em que há o protagonismo do negro, também ficará mais conhecida e debatida por professores e alunos na educação básica e superior de nosso país. Temos ainda um longo caminho a percorrer, mas o importante é não desanimar e, na medida do possível, já colocar em prática o que foi refletido em cursos de formação continuada sobre essa temática.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Adriana Gama de. **Em nome da cidade vencida: A São Luís republicana na obra de José do Nascimento Moraes (1889-1920)**. 2011, 134f. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. São Paulo: Ática, 1990.

BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000157.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2016.

_____. **Clara dos Anjos**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000048.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2016.

BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos orixás – um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRAS, Helayne Xavier. **Os marginalizados pela república: o discurso sobre modernidade e cidadania na obra de José Nascimento Moraes**. 2014, 121f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2014.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei n. 9.394/96. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 6 jun. 2016

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. **Representações da mulher negra na literatura brasileira**. 2008. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/Mesas/Maria%20Consuelo%20Cunha%20Campos.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

CHIAVENATO, Júlio José. **O negro no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2012.

DALCASTAGNÉ, Regina. A personagem negra na literatura brasileira. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Volume 4. História, teoria, polêmica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DAMASCENO, Benedita Gouveia. **Poesia negra no Modernismo brasileiro**. Campinas (SP): Pontes Editores, 1988.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura afro-brasileira**. 100 autores do século XVIII ao XXI. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

_____. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Volume 4. História, teoria, polêmica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/issue/view/298/showToc>>. Acesso em: 04 out. 2015.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como resolver a polêmica. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [s.d].

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

MONTELLO, Josué. **Os tambores de São Luis**. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

MORAES, Jomar. **Apontamentos de literatura maranhense**. São Luís: Sioge, 1976.

MORAES, Nascimento. **Vencidos e degenerados** – crônica maranhense. 4. ed. São Luís: Centro Cultural Nascimento Moraes, 2000.

NASCIMENTO, Dorval do. Representações de intelectuais em *Vencidos e degenerados*, de Nascimento Moraes. **Outros tempos**. São Luís, v. 9, n. 14, 2012.

NAVAS-TORÍBIO, Luzia. **O negro na literatura maranhense**. São Luis: Edições AML, 1990.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos avançados**. São Paulo, v. 18, n. 50, jan./abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017>. Acesso em 04 out. 2015.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 88. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Florianópolis / Belo Horizonte: Ed. Mulheres / PUC Minas, 2004.

SANTOS, Maria Rita. Nascimento Moraes. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Volume 1. Precursores. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas latino-americanas**. Polêmicas, manifestos e textos críticos. 2. ed. rev. amp. São Paulo: Edusp, 2008.